

**RETIREIROS E
RETIREIRAS
DO ARAGUAIA: LUTAS,
TERRITÓRIOS E
IDENTIDADE**

14



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

**MUNICÍPIO DE
LUCIARA – MT**



PROJETO CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL CENTRAL

Fascículo N° 14 Maio 2019

Retireiros e Retireiras do Araguaia: lutas, território e identidade

COORDENAÇÃO GERAL DO PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida -
CESTU/UEA

Rosa Elizabeth Acevedo Marim - NAEA
– UFPA

COORDENAÇÃO DO PROJETO CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL CENTRAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Helciane de Fátima Abreu Araújo
Carmen Lúcia Silva Lima
Franklin Plessman de Carvalho
Jurandir Santos de Novaes

EQUIPE DE PESQUISA/ORGANIZADORES DESTA EDIÇÃO

Antonio João Castrillon Fernández
(UNEMAT)

João Ivo Puhl (UNEMAT)

Lidiane Taverny Sales (Retireira do
Araguaia - CNPCT)

Solange Ikeda Castrillon (UNEMAT)

CARTOGRAFIA

Antonio João Castrillon Fernández

Jossiney Evangelista da Silva

Lidiane Taverny Sales

Rubens Taverny Sales

FOTOGRAFIA

Lidiane Taverny Sales

Marcio Isensee Sá

Antonio João Castrillon

PROJETO GRÁFICO

Marcela Costa de Souza



Oficina de mapas, Luciara, 2018

RELAÇÃO DE PARTICIPANTES DA OFICINA:

Benoir Pereira Sales

Cícero Rodrigues de Souza

Cleonice Taverny Sales

Demilson Taverny Sales

Domingas Pereira Fernandes

Domingos da Silva

Guilherme Ferreira Rodrigues

Guilherme Menezes Sales

Inês Ana W. Sales

Ítalo Taverny Sales

Jamil Taverny Sales

Joel P. de Souza

Josane Pereira Evangelista

José Evangelista Filho

José Gonçalves da Silva

Jossiney Evangelista Silva

Jucélia Alves Neves

Juliana Evangelista Silva

Laisa Evangelista Barros

Lidiane Taverny Sales

Luiz Bezerra Oliveira

Maria Docy Evangelista Silva

Nancilene Silva Santos

Nayra Taverny Oliveira

Pilar Aparecida da Silva

Rayna Alves Sales

Rubens Taverny Sales

Tarley Pereira Souza

Valdeniza Maria Sales Carvalho

FICHA CATALOGRÁFICA

R437 Retireiros e Retireiras do Araguaia: lutas, território e identidade / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil Central – N. 14 (abr. 2019) / Coordenação da pesquisa: Antonio João Castrillon Fernández, João Ivo Puhl, Lidiane Taverny Sales e Solange Ikeda Castrillon. – Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI). ISBN: 978-85-7883-512-5

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais. I. Título. II. Lima, Carmen Lúcia Silva.

CDU: 528.9:39

(Elaborada por: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

Retireiros e Retireiras do Araguaia: lutas, território e identidade

APRESENTAÇÃO

Eu sou retireiro muito tempo aqui em Luciara, o primeiro retiro que teve aqui nessa área fomos nós que fizemos, meu nome é **Benoi Pereira Sales**, filho de Juvenal Pereira Sales. - **José Evangelista filho**, eu estou aqui nessa história toda vida, cheguei aqui nesta cidade em 1951, manobrado com canoa, vindo de Barra do Garças, tinha meus parentes aqui, Benoi Pereira Sales é o meu primo legítimo e cunhado, o pai dele é irmão do meu, fui retireiro um tempo, hoje não sou mais, não tenho mais retiro, sou aposentado, sou pensionista, trabalho com ervas do campo. - **Maria Docy Evangelista da Silva**, sou mulher de retireiro. Assim que a gente se reconhecia, mulher de retireiro, agora que nós estamos colocando retiro também. - **Rubens Taverny Sales**, sou filho e neto de retireiros. - Sou **Lidiane**, filha de retireiros, irmã de retireiro e retireira do Araguaia também, se afirmando na luta. - **Jossiney**, retireiro do Araguaia, já sou da terceira geração. Eu estou no lugar do meu pai, que agora ele já está com 60 e poucos anos. Então, aquela lida de estar em cima do animal já ficou mais para mim, temos retiro lá. Dessa forma eu vivo já há muitos anos. - Eu sou **Cleonice Taverny de Sales**, mãe de 12 filhos. Eu sinto muito feliz de ser retireira. - Meu nome é **Guilherme Sales**, eu sou neto de retireiro. - Meu nome é **Naira**, eu sou filha de retireiro, neta de retireiro e estamos junto aí nessa luta. - **Ana Lucia Silva Santos Canela (in memoriam)** Silva Santos Canela, sou esposa de retireiro. - **Leony Taverny Sales**, filha de retireiro, sou retireira também. - filho de retireiro, eu também sou. - Meu nome é **Joel**, sou retireiro, filho de retireiro. - Eu sou **Selizabel**, filha de retireiro, mãe de retireiro e sou retireira. - **Erike**. - sou filho do Joel retireiro, e eu também sou. - Sou **Valdeniza Maria Sales Carvalho**, filha de retireiro, mulher de retireiro. - Sou **Luiz Bezerra Oliveira**, venho nessa tradição de retireiro a vida toda, desde a Ilha do Bananal quando criança. - Sou **Cícero Rodrigues de Souza**, sou Retireiro, tenho muito orgulho de ser retireiro, trabalhando junto de meus amigos. - **Domingos da Silva**, eu tenho muitos anos que me criei nessa área, gosto muito da área e entreguei o meu ramo para o meu filho. - **Telma Pereira Evangelista**, sou filha de retireiro e mulher de retireiro e sou retireira também, por isso nós estamos aqui reunidos para lutar pelos nossos direitos. - Eu sou o **Jamil Taverny Sales**, filho aqui de Luciara, sou retireiro e moro aqui já há um bom tempo. Trabalho com gado, sou estudante, sou formado. É muito bom trabalhar aqui em Luciara, trabalhar com gado que é uma coisa que desde criança a gente faz, já vêm os pais, os nossos avós, mexendo nesse ramo de gado. - Meu nome é **Juliana Evangelista Silva**, sou neta de retireiro, filha é irmã de retireiro.



Oficina de Mapa,
Retireiros e Retireiras, Luciara, 2018

“O retiro é um lugar voluntário”.

Retiro é porque no inverno alaga tudo, aí tem que levar o gado para um lugar alto. No verão fica muito seco o pasto, aí é o lugar onde vai colocar o gado porque o capim é nativo, ali é da natureza e quando acaba a água fica um lugar onde o gado pode ficar sem precisar alugar um pasto. É voluntária a área, não era cercada porque agora tem muita cerca, os retireiros só tinha uma mangueira para colocar as vacas, para parir os bezerros, ali tinha aquelas mangueiras para não morrer os bezerros, onde elas pariam e já soltavam. Eles estavam voluntários ali. **O retiro é um lugar voluntário** que não é cercado que não tem cerca, é um pasto manso, pasto nativo”. (Valdeniza Maria Sales Carvalho)

Nós não temos terra, nós retireiros, temos só os retiros, que é um território comum para colocar o gado. Por isso que se fala retiro. Quando está chovendo, está alagado, aí retira o gado, paga pasto. Retirar o gado de lá para colocar no retiro, nos Varjão, que é pasto nativo. Então isso que é retiro. Retireiro é aquele que cuida do gado ali naquele retiro (Maria Docy).

O nome retireiro da se pelo fato dessa ida e vinda, na época da cheia e da seca: à medida que vai secando, a água vai baixando, a criação do gado vai sendo nesses varjão mais baixos: à medida que vai enchendo, o retireiro vaqueiro, esse povo se junta tudo e vai retirando daquelas ilhas que pode ficar inundado, e trazer de volta. Não tinha esse negócio de aluguel naquele tempo porque a área era nossa, todo mundo chegava e usava. Aí foi chegando os “donos”. Essas áreas mais altas de cerrado, de mata, foram instalando os “donos” aí, cercando tudo, hoje sobra esses varjões alagados para os retireiros. (Luiz Bezerra)

O retiro se originou assim, dessa forma, vai para o moncão, você faz sua casa, o curral, a remanga, um piquete para prender a vaca, para ela criar ali, para cuidar melhor, e aí você vai ter que retirar porque a água vai vir. Então, quando você vai embora dali a gente leva tudo, você tinha cachorro, galinha, porco, então retirava tudo porque lá ficava só um moncão. Então a gente ficava muito vulnerável com a criação e também para a gente ficar ali naquela área, aí se dá o retiro e o retireiro. A economia é mais focada no gado, só que tem a prática de fazer fazer também o seu plantio, agora está sendo mais abandonado, mas antes a gente fazia muito, plantava a mandioca no moncão, o milho na vazante para subsistência, não para comércio, porque a gente não produz para comercializar, ter uma batata para comer, isso a gente fazia. Então, nesses lugares altos de fazer o retiro que a gente fazia a plantação, porque sabia que ele estava mais tranquilo para você ficar. (Jossiney Evangelista da Silva)



Lida com o gado, Retiro do Araguaia, 2018

Retireiros e Retireiras do Araguaia: lutas, território e identidade

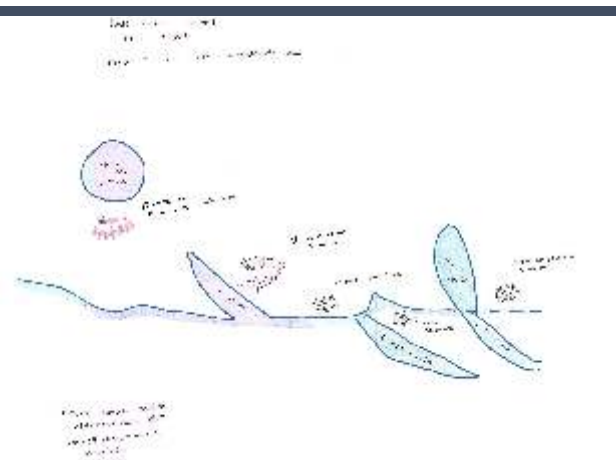


Retiro do Araguaia, Luciara, 2018

O pai ou mãe também vai dando uma novilha, um bezerro para o filho, aí vai formando o retiro também. Vai ganhando e vai trabalhando, vai ganhando também da família, da minha família é gado familiar, é da minha mãe, dos meus irmãos, assim vai formando. Tem um irmão meu que vai abrir um retiro, aí começa a lida do retireiro. **(Lidiane Taverny Sales)**

Por que a gente não têm uma estrutura lá no retiro? Porque a gente mora numa área alagada. Antigamente enchia demais, era um metro, dois metros, no início enchia muito, não sei porque a chuva acabou. O varjão não enche mais. Por que a mulher tinha que ficar na cidade? Porque lá não tinha como colocar uma sala de aula, levar uma professora lá porque na época da cheia os varjões ficavam tudo alagado. **(Rubens Taverny Sales)**

RETIROS: PRÁTICA COLETIVA “MUITO ANTIGA”



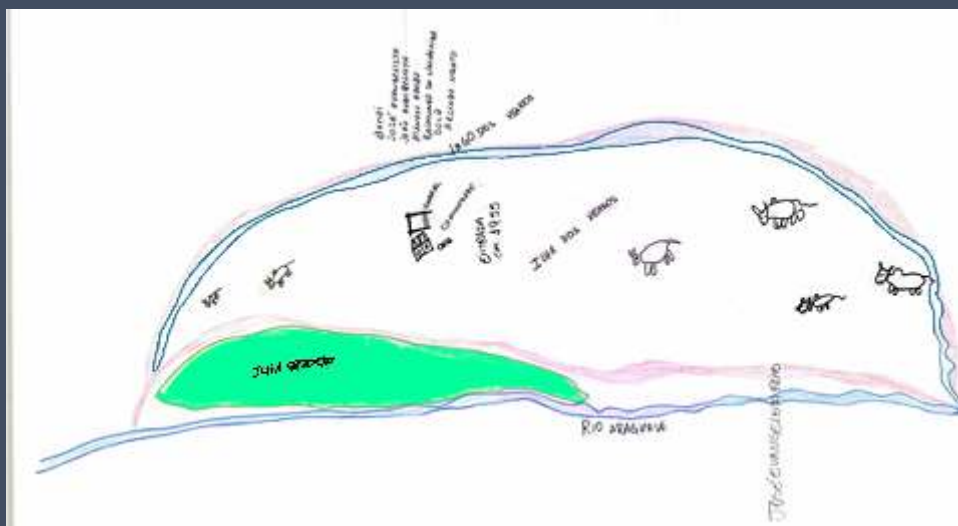
Primeiros retiros Luciara. Oficina de Mapas, 2018

Essa atividade de retireiro é muito antiga, desde 15 anos que eu trabalho em retiro, que sou retireiro, estou com 82 anos. Eu cheguei aqui em 1942, em 1945 foi o primeiro retiro que eu trabalhei, era do Lúcio Pereira da Luz. Não tinha retiro não, fazia curral, eu fiz 9 currais aqui, nós todos fomos criados aqui dentro da Luciara, na Lagoa Gaivota, aqui no Jatobá, no Chico Rosa, na beira do Lago dos Veados (...). Faz muitos anos que eu trabalho aqui só de retireiro, eu sou analfabeto eu não aprendi porque fui mexer com gado na época

da escola. Eu vim aqui do fundo das Pedras, nasci aqui no norte de Mato Grosso, para baixo de Santa Terezinha, seis quilômetros, primeira cidade. Meu pai veio para trabalhar com seu Lúcio, veio para fazer umas casas para ele, em 42, me trouxe. Em 44 mudamos para cá. O pai desse seu Zé mudou de Conceição para Barra do Garças remando, nós viemos de barco, eu não estou lembrando quando eu tive meu primeiro retiro. Nessa época retiro era de todo mundo. Lá na Gaivota foi 1950, 1949, antes dessa aqui nascer. **(Benoi Pereira Sales)**

Nós fizemos o primeiro retiro [curral coletivo] aqui na gaivota, numa lagoa grande que tinha aqui, lá era de todo mundo. Era de todo mundo, vaqueiro era junto, como nós estamos aqui nós não ficamos desse jeito aqui... Lá todo mundo era dono. Nós todos que tinha gado fechava o gado lá. Cada qual tirava o seu, trazia para fazendinha aqui, trazia dois curral. Nós fizemos um lá no lado do Jatobá e a cerca ia até no Araguaia. Aí fizemos mais embaixo, no lago do Chico Rocha, aí nós viemos para o Lago dos Veados para o lado de cá, aí que nós mudamos para dentro da Luciara. **(Benoi Pereira Sales)**

Nós tínhamos uma ilha aqui que chama Ilha dos Veados. Tinha uma ilha muito grande, lá que a gente botava aquele gado. Aquela Ilha nós formamos. Era uns sete lá dentro. Não tinha nem barraco, pegava chuva a noite todinha. Depois fizemos um barracão, fizemos curral, cuidava daquela criação ali. Ia para lá e passava a semana. Fazia tudo que tinha que fazer e aí vinha embora para casa. Passava três quatro dias e voltava de novo. Então, voltava aquele conjunto de pessoas, aquelas sete pessoas, aquele todo mundo ia e mais gente, porque tinha filho. A família todinha ia para lá, para aquele retiro. **(José Evangelista filho)**



Lago dos Veados, retiro antigos. Oficina de Mapas, Luciara, 2018

Quando tem união aprende ser retireiro com a união. Antes tinha união, formava o retiro porque tinha união... Os pequenos aprendem porque veem os velhos trabalharem. Tem um ditado que diz assim, casa do pai a escola dos filhos, ele vê fazendo aqui e sabe que o caminho é esse. Ele pega aquela prática. **(José Evangelista filho)**

Retireiros e Retireiras do Araguaia: lutas, território e identidade

Eu trabalho no retiro desde criança. Trabalho com gado muito tempo. Eu comecei bem pequeno nessa vida de retiro, eu comecei com meu pai, eu estou com 55 anos trabalhando de retireiro toda vida, sempre na mesma área, nos varjões. A gente já mudou de casa, mas sempre vou campear gado na ilha, a gente vai e volta, mas sempre no mesmo espaço (...). No passado, antigamente, não tinha casa, tinha o marco, era o “marcão” que eles falavam, considerava o município. Me contaram os antepassados que foram com os bois de seu João Irineu que fizeram a primeira casa Ilha dos Veados, chamavam “roxinho” e “rochedo, os bois de João Irineu para puxar tábua. Aí tinha as palhas do lado de cá do lago, carregava, atravessava na canoa, até fazer a primeira casa lá na Ilha dos Veados. **(Rubens Taverny Sales)**

O meio deles dormir, os vaqueiros, retireiros, não tinha casa, então eles faziam aquelas capas. Pegava o pano e pegava o leite da mangaba, passava no pano para virar o plástico e aí fazia a capa. A minha mãe mesmo acostumava fazer. Aí, quando eles iam dormir armavam a rede ou então botava a sela e uma corda e a capa por cima e ali ele dormia, porque não tinha casa, e chuva. Era assim, na época não tinha casa lá. **(Valdeniza Maria Sales Carvalho)**

CERCAMENTO DOS VARJÕES

Depois dos 65 anos para cá eu larguei de andar, não conheço mais a região que eu andava, é só arame, é cerca, é cancela para li e cancela para lá, não tinha cerca, a cerca era a sela do cavalo que ia cercar o gado e o peão em cima dele. **(José Evangelista filho)**

A cerca era do Xavantinho ao Araguaia e o arame era o vaqueiro e o poste era o cavalo. Antigamente saia de cavalo e ia dois, três dias campeando, hoje não. **(Benoi Pereira Sales)**

O Varjão não aguenta cerca, se cercar o capim baixa rápido. Porque o gado é assim, o gado come um pasto hoje aqui, amanhã ali, o próprio gado já sabe comer de região por região para aproveitar melhor o pasto. Então, tudo isso faz parte da coletividade, o próprio gado sabe segurar o pasto para comer na hora certa, não fica em um lugar, só comendo, comendo até acabar. **(Rubens Taverny Sales)**

Diminui o acesso do gado à água e ao alimento também. Isso porque a gente usa a pastagem natural, a gente não planta o capim, respeita a natureza, aí diminuindo a pastagem natural está diminuindo a vida da nossa economia que é o gado. Esses locais aí eram todos usados no comum e hoje ele está priorizando uma pessoa só, fechando. A Gina, aqui, cercou o lago e o gado do pessoal fica tudo aqui na beira da cerca, deitado, querendo ir lá beber e não vai. Aí morre atolado, porque cercou o lago, o gado já foi para outro local que não era costume dele, costumeiro, aí já é outra realidade, começa morrer em atoleiro, enfraquecer. **(Retireiro do Araguaia)**

Na realidade, é que reduz o espaço coletivo todinho. Porque aqui onde ele andava não passa mais, por aqui tinha acesso ao Lago dos Veados não passa mais. No resumo, diminui o espaço coletivo da criação. Então, a cerca nos prejudica de toda forma. A cerca fecha a passagem do gado e prejudica o manejo. **(Joel P. de Souza)**



Território Mata Verdinho, Luciara, 2018.

O varjão, na convivência nossa, a gente já viu que se cercar e deixar o gado naquele período, muito tempo naquele pasto, o varjão não suporta, a pastagem natural não suporta, e aí acaba virando outro tipo de vegetação e pode interromper no bioma daquela região, no ecossistema. Então, isso tudo é um agravante com a cerca, porque tendo o espaço aberto o gado vai migrar, onde tem a pastagem mais alta ali vem a rebrota natural e estando fechado ele vai ficar ali, ficar ali, que não vai nem crescer capim mais, vai mudar e virar tipo um cerrado. **(Jossiney Evangelista da Silva)**

Na parte baixa na época do inverno enchia, dá muita praga, a água fica alta e o capim fica azedo, então, o gado subia para terra alta que começava aqui, daqui até ao entroncamento de São Félix. O gado dos ancestrais comia tudo isso ai, tudo era pasto. Então, conforme o vento de maio, as chuvas de maio, o gado sabia e automaticamente vinha embora, sabia que o varjão secou, os nutrientes já tinha pegado da água, já estava tudo brotadinho, verdinho, porque na época da cheia o capim modifica de cor, fica o marrom. O gado que come na água fica tudo marrom aqui, por causa do capim. Por isso que também, enchia muito, para falar monchão, capão, que pode dar um alqueire, uma hectare, hoje está fazendo retiro no varjão, por que o rio não está enchendo mais. Um monte de gente está invadindo o retiro ali e fazendo no meio do varjão, acha o lugar bonito, vai lá, limpa um monchãozinho, faz a casa lá e fica. Hoje está assim, mas antigamente, lá no Mato Grosso, lá tem uns vinte alqueires, é uma ilha de mata, que tinha jatobá, ipê roxo, na Jibóia do mesmo jeito, são duas matas diferentes da outra. Nós tínhamos uma mata no meio do varjão. **(Rubens Taverny Sales)**

Aqui o maior grileiro é o agrimensor, compra bem aqui dez alqueires, mede cinquenta alqueires. Como agora mesmo aconteceu, está chegando agora mesmo um juiz aqui, dono de uma terra, do Rio Grande do Sul. Os caras formaram ai, compraram dele e agora vendeu pros grileiros. **(Benoi Pereira Sales)**

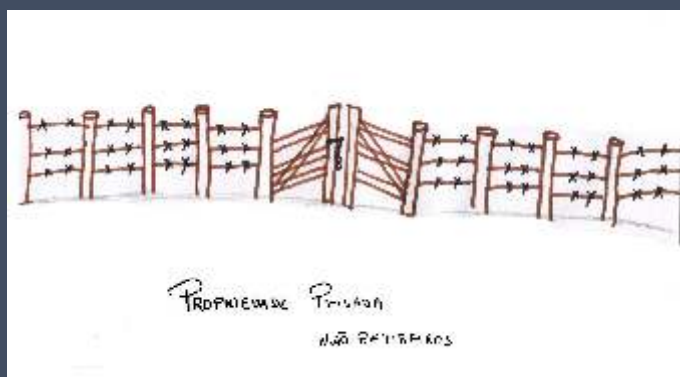
CERCAMENTO DOS LAGOS

O lago do Jaraqui, o lago da Matrinchã, tem uma beira que foi cercada pela Tonheira, Barreira e Matrinchã. E ai onde tem esses caras que entraram, tem as ipucas, que fica água por muito tempo, também cercaram esses lugares, que fica até no mês de agosto com água. Na Ipuca o gado bebe água... Tem o varjão, aí tem uma bacia, ai cria tipo a Landi, Canjirana e essas plantas suportam água, aí onde retém água e segura por mais tempo, é onde o gado bebe água até chegar a seca. **(Retireiro)**

Retireiros e Retireiras do Araguaia: lutas, território e identidade

Inclusive o Chimano, nessa parte aqui o capim era altão e agora está tudo rapado, porque o gado que comia na beira dessa ipuca passou a comer localizado e capim não pode comer só num lugar, que vai indo acaba. (**Retireiro**)

CERCAMENTO DE PASSAGEM



Cerca nos retiros, Oficina de Mapas, Luciara, 2018)

Beirando o lago da Matrinchã, do Jatobá, que é a estradinha e ia sair bem a aqui no Jossiney, que era a parte mais alta. Ai hoje tem que andar pela estrada, porque as cercas estão impedindo... No caso desse Alex, se ele fechar aqui, aqui era uma passagem, passava direto, ai nós vamos ter que arrodrear. Aqui quando a gente vem da beira da Mata de Coco não fazia essa curva não, já vinha direto, passava por aqui e ia embora. Igual essa da Madalena... A cerca da Tonheira interrompe a passagem na época das chuvas, porque desse lado de cá tem muito barro e fica vulnerável para a gente passar, o motor da moto tapa no chão e essa estrada que foi fechada sempre fica mais enxuta. (**Retireiro do Araguaia**)

Então, é assim, na beira do lago é alto e para cá é baixo, então a água escorre para cá e aqui fica mais duro para passar de moto e animal, antigamente passava beirando o mato. Na época que vaqueirava com o pai dele passava por dentro do mato. (**Rubens Taverny Sales**)

AVANÇO DO AGRONEGÓCIO E CERCAMENTO DAS TERRAS

Antigamente o gado fazia isso [retirava] sozinho, noventa e nove por cento do gado fazia isso. Com a cerca hoje, que o agronegócio cercou, o gado vai ficando inviável, vai para as ilhas, não sai mais, antigamente saia todo. Com essa cerca a gente está perdendo muito gado porque as melhores áreas estão todas cercadas e o gado está naquele lugar de meio pântano, a vaca fraca, ela entrou atolou, ela não dá conta de sair dali, se ela dormiu ali noventa e nove por cento morre, um por cento escapa, você consegue arrancar, não pode deixar dormir. Se passar a noite ela esfria, ela paralisa e não levanta; levanta, mas

não fica em pé. Então na época de setembro para outubro a gente tem que estar todo dia, tem que ir todos os dias, todo santo dia, de manhã e a tarde naquele lugar que atola. Tem que chamar os companheiros, que só a gente não dá conta, tem que puxar no burro ou arrancar na mão para desatolar. **(Rubens Taverny Sales)**

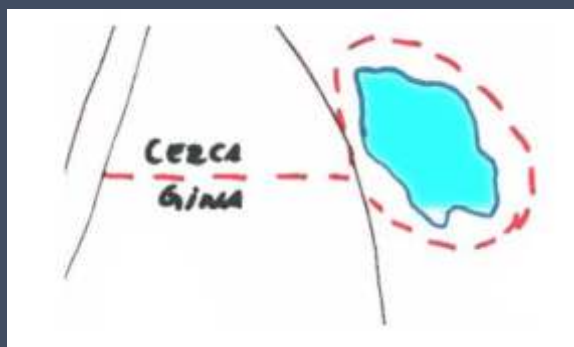
Ali [entrada de Luciara] que era o berço do retiro. Dali mais ou menos uns 15 quilômetros é a Lagoa do Torques, que eles falavam, Varjão do Torques, onde tinha uns capões de ervas, quem vem de lá para cá na direita, também na beira do Araguaia, uma lugar alto de pedra, que os retireiros moravam lá, que lá também o gado ficava muito no inverno. Quando ventava, que falava vento geral, o gado vinha sozinho embora, ficava muito pouco. Só ficava para lá o gado que virava brabeza, no tempo do coronel Lúcio, o gado dele tinha tanto que virou brabeza. **(Rubens Taverny Sales)**



Oficina de Mapas, Luciara, 2018

Da época que eu comecei a vivenciar mais o retiro diretamente, aí veio aqueles projetos, já tinha vindo uns projetos grandes, já tinha bem fazenda de gado lá, aí a prática era essa, porque o inverno era grande. Enchia o varjão, a gente já arrendava terra, juntava três, quatro famílias, juntava o gado e arrendava, durante o período de três, quatro meses, que era o período das cheias. Nos primeiros anos o cara achava que nós estávamos arrendando só para melhorar o gado, não era porque tinha que fazer aquilo lá, aí eles aprenderam que tinha que fazer aquilo lá, aí aumentaram [o preço]. E hoje já não tem mais esses lugares porque quem está lá é a soja. Essas áreas que tem soja foram áreas antes que eram usadas pelos retireiros. Pra lá também fizeram uma casa grande, da Santa Fé para lá, fizeram uma casona de palha para lá, aí ia todo mundo... Eu não cheguei a conhecer, uma casona de palha grande que todo mundo reunia lá, porque o gado ia para lá, aí ia para cuidar do gado lá quando o rio estava cheio. O que eles faziam naquele tempo, eles levavam carne, salgava, um levava um tanto de carne, outro levava a farinha, mexia com o gado e aquela comida dava tranquilo, todo mundo levava... Passava 15 dias sem vir aqui no município. **(Jossiney Evangelista da Silva)**

É na Santa Fé, aqueles pés de manga que tem lá nós que comíamos manga daqui e levava lá, jogou lá, os pés de abacate também foram plantados lá. **(Benoi Pereira Sales)**



Oficina de Mapas, Lucira, 2018

Hoje já não tem nem onde arrendar mais. Se não fosse que a enchente não está mais forte como era, ai sim, nós íamos ter que arrendar em outros municípios. Ainda enche, mas não mais na mesma proporção como enchia antigamente. Ai tem boa parte do varjão que foi cercado, tem uma fazenda ai que ela foi cercada agora, depois daquele conflito foi feito uma cerca no varjão, muito grande, que impede o gado passar. Tinha uma área de varjão que mesmo com a cheia

grande, ela era um beirão alto que virava um corredor que ficava menos água, tinha um lugar que ficava sem água e o gado ia para esse lugar, hoje já não vai mais porque têm as fazendas que cercaram e ai o gado vem para perto da cidade. Ai tem o aterro da estrada, e gora na época da cheia o gado está vindo para o aterro para dormir, porque não tem nem para onde arrendar. Ai eles passam a noite no aterro e volta para dentro da água, volta para o varjão de novo. Ai do jeito que a vaca da cria no monchão onde está muita cobra, morre muito gado picado de cobra também. Então hoje nós estamos vivendo dessa forma. **(Jossiney Evangelista da Silva)**

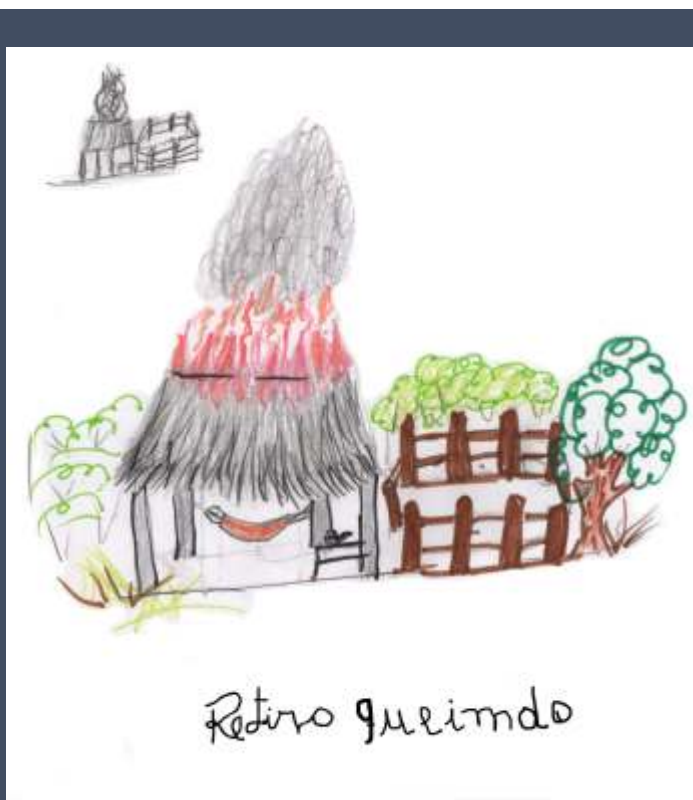
CONFLITOS, VIOLÊNCIA E AMEAÇAS NOS RETIROS

Eu passei a ficar direto no retiro depois que eu fiquei maior. A gente era mais unido, porque é um público voltado só para aquilo. Hoje já tem pessoa que não se encaixa no perfil, aí forma aqueles pequenos grupos. Tipo assim, nós temos um grupo que é esse aqui, aí lá dentro do retiro tem outro grupo, é retireiro também, mas é outro grupo porque não vai chegar junto com a gente, só na época da vacina porque aí o gado tem que pegar tudo, então, aí já se ajunta mais. Então essa coisa de criar retiro tem que ser revista e pensada. Acaba que também vai ocupando muito espaço e vai diminuindo o espaço do gado. Eu sou retireiro, eu gosto de ser retireiro, é a minha vida (...). Eu sempre falo isso, em todo lugar que eu vou, eu sou só retireiro se tiver o preá, a anta, a onça. Esses animais tudinho tem que estar lá, se não existir animais para mim não interessa estar naquela área. Eu luto por essas duas coisas. Eu luto não só para ser retireiro, eu luto também pelo ecossistema, como que eu vivo, pela vulnerabilidade que é bem frágil, tem lugar que é ninhais, que é berçário de peixe. Essa escassez de água que a gente vê no Araguaia, muitos pivôs de irrigação, isso aí é um fator muito agravante até para nós retireiro aqui, vai diminuindo a água, o peixe não vai reproduzir como era antes. Eu aprendi assim com o meu pai desde criança, com 8 anos de idade que eu já vim conhecer as coisas eu já andava com meu pai. Então, eu fui aprendendo a respeitar a natureza, para ela me respeitar. Para onde eu vou eu prego, se não houver a natureza junto comigo não me interessa ser retireiro. Eu luto por todo o aglomerado junto. **(Jossiney Evangelista da Silva)**

Nós temos um acordo, que é um acordo que não é respeitado hoje, que é um acordo de convivência. Esses retiros tinham uma parte que era para ser cercada, que é o piquete, e nesse acordo tem várias regras. Então, eu acho assim, os que estão entrando hoje, os demais não reconhecem como retireiro, a intenção dele não é ser retireiro, a intenção dele futura é outra. Se você for dar uma andada na área hoje, você vai ver como é que está. Então, nós já temos lá dentro os rancheiros, o coletivo de retireiros não reconhece os rancheiros, porque para eles esse modo de vida atrapalha a criação do gado. Aí tem a outra categoria que está entrando individualmente lá, que está desmatando, que está derrubando. **(Lidiane Taveny Sales)**

Os problemas começam na década de 80 para cá, com o Luiz Estevão vendendo terra. Se o fazendeiro tinha uma terra que passava naquela casa, ele falava "não tu tem que passar para cá, porque eu quero que venha para cá". Tudo isso aconteceu (...). Até hoje tem essas práticas aqui com agrimensor. Agora não tem mais medição, eles estão brigando por divisa. O cara compra uma posse hoje e quer fazer uma fazenda, tipo o que está acontecendo lá na Mata de Coco. Estão brigando por causa de divisa: comprou uma posse e quer fazer uma fazenda (...). Essa fazenda que é do Argeu e do Mexicano que eles falam, é terra da União. Nós temos aqui a fazenda Gaivota que é terra da União, nós temos

uma parte da União aqui no varjão. O varjão todinho é da União. O levantamento que foi feito pelo Ministério Público a terra todinha é da União, da Portaria 294, entre Mato Grosso e Tocantins e um monte de municípios, tudo é terra da União... Tem muitas escrituras em cima e fazendeiros com o capital. Tem uma conversa que o povo lá do Formoso do Araguaia comprou do Xavantinho para cá, que já enleirou meio mundo de monchão lá para plantar cana, dizendo de conversa, não sei se é verdade. Dizem que já tem um monte de monchão quebrado para eles plantar cana, povo de Formoso do Araguaia (...). E hoje, se não for essa terra aqui nós não temos onde se agarrar mais, não tem mais recursos, não tem mais parceiros, os parceiros que a gente ajudou a formar, virou tudo adversários nossos. **(Retireiro do Araguaia)**



Oficina de Mapas, Lucira, 2018

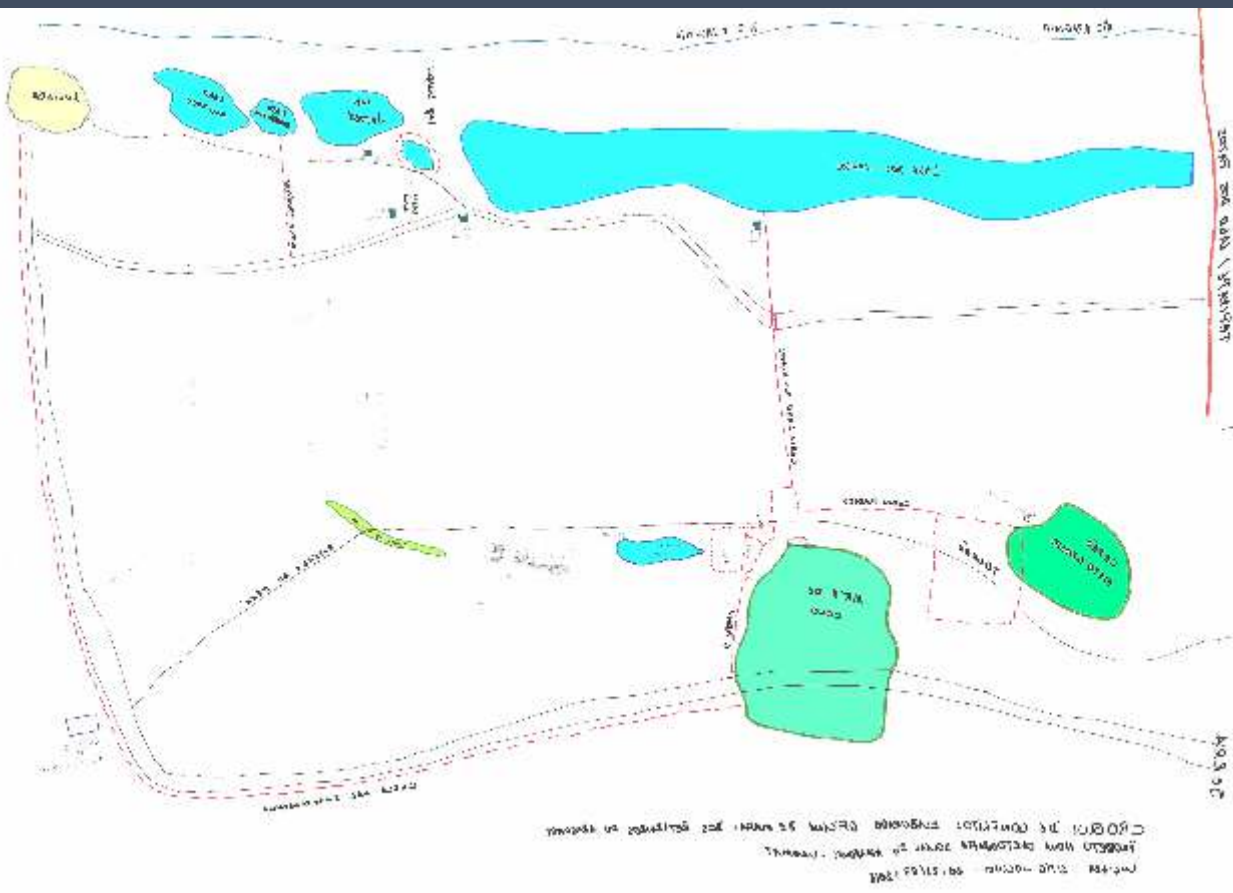
Os equipamentos dos vaqueiros foram queimados tudo. **(Rubens Taverny Sales)**

Dois retiros foram queimados, com tudo dentro, uma geladeira novinha. Ainda tem um adversário aqui que fala que fomos nós que tocou fogo em tudo. **(Maria Docy Evangelista Silva)**

A pressão é direta. A gente vive em um município como esse e acha que todo mundo conhece todo mundo, acha né, porque ninguém conhece ninguém... Já sofri ameaças direta e indireta também, mesmo depois daquela ação de queimarem a minha casa lá. Eu morava lá, porque na época, quando entrava o verão eu entrava para lá, eu fechei um quarto, a outra área era aberta, que era a casa dos pais, fiz um quarto de tijolo, só para colocar uma cama, ter mais segurança onde dormir. Ai você sabe que dentro dessa ação, teve ação conjunta com as próprias pessoas que também vivem da mesma forma que a gente. (...) Existe essa pressão política também. Numa cidade pequena como essa aqui a política se torna forte. Essa pressão existe, e existe direto. Esse encontro mesmo aqui, ainda bem que é só dois dias, porque se fosse mais eu acho que não era segurança para nós que estamos aqui, porque também não abrangemos mais gente, para convidar mais, da outra vez nós fizemos convite, falamos do que se tratava a reunião, conseguiram fazer a cabeça da população contra uma coisa que nós estamos fazendo agora que é muito importante para a gente. Pressão muito sim. **(Jossiney Evangelista da Silva)**

Eles trabalham a cabeça do próprio retireiros para botar contra eles mesmos. Muitos companheiros já decidiram que não quer, na passeata foram para o lado deles, estão sentindo na pele que estamos sendo encurralados, já vieram falar para mim. Vieram me chamar e eu disse “me deixa eu quieto aqui, na época o que eu queria para nós vocês não quiseram, agora não estamos mais em condições...”. Quer dizer, fazer uma pressão em cima deles para eles sentir quantos eles são enganados pelo agronegócio, deram churrasco ai para os caras, cerveja, tudo. **(Rubens Taverny Sales)**

Chegou um momento de eu chamar o Rubens e falar, “Rubens você acha que compensa nós lutarmos por uma coisa comum, para todo mundo e na hora não ser reconhecido, ser jurado de morte, viver igual nós vive aqui?”. Tipo assim, não ter mais segurança, porque ninguém mais tem segurança. Menos ainda porque aconteceu isso em 2013, estamos em 2018, tem cinco anos e para mim foi ontem. Eu até fui acompanhado com a equipe do pessoal da Federal, ai eu relatava isso, porque eu passo certo tempo aqui alegre e tudo, mas quando eu fico no retiro que eu fico lá e começa a vir aquela lembrança do que aconteceu e a gente vê que não teve nenhuma reação favorável a nós, a não ser dos companheiros que, assim, teve a intervenção que vocês ajudaram a articular e também a CPT daqui, a Comissão Pastoral da Terra e a Prelazia de São Félix do Araguaia, que foram a grande ajuda da gente. Mas tipo assim, “ah, queimou uma casa, queimou só uma casa”, não, queimou a cultura, queimou o modo de vida, que a gente tinha ali. Muitas vezes um pote de barro para quem vive na cidade, que tem a geladeira, tem tudo, eu também tinha a geladeira lá, mas eu fui criando usando o pote de barro, lá no retiro eu usava o pote de barro antes da geladeira. Então, você vê tudo aquilo destruído, você vê aquilo como um objeto íntimo seu, do seu ser, então você vê uma coisa destruída, é como destruir a sua vida. Uma rede, aquilo para os outros pode não ter valor nenhum, mas para mim tem muito valor aquilo. Isso ai não tem dinheiro no mundo que vai pagar isso e ainda mais você vendo que a impunidade está acima de tudo. **(Jossiney Evangelista da Silva)**



Oficina de Mapas, Luciara, 2018

REIVINDICANDO NOSSOS DIREITOS

A gente vivia aqui nessa área e não tinha preocupação de demarcar o território, mas a partir do momento que a gente enfrentou uma liminar que falava que estava proibido entrar na área que a gente vivia, trabalhava e reivindicava, decidimos criar uma área que garanta nós lá dentro. Então, como garantir esse nosso território? Depois que foi descoberto que essa área é da União, aí virou terra de ninguém, todo mundo chega lá, entra no lugar, fala “aqui é meu”, não respeita os bebedouros do gado e coloca cerca. Isso é uma coisa que está sendo muito prejudicial para o nosso modo de viver, e a gente sabe que o varjão é uma área que não suporta ser cercada, porque o gado ele mesmo se habitua no local que ele sabe onde ele pode ir, ele acha aquela pastagem boa ele mesmo vai mudar e aquela pastagem vai recuperar, acompanhando o ciclo da água vai para a área mais alagadiça que a pastagem fica muito boa. Então essa é a luta nossa, a gente luta para isso. Eu acho que é muito importante essa cartografia social para saber que nós estamos aqui, nós somos retireiros, lutamos por esse trabalho de reconhecimento. A gente vem cada dia lutando para ser reconhecido dessa forma, aonde a gente vai a gente fala “nós somos retireiro”. (Jossiney Evangelista da Silva)

Nós somos retireiros do Araguaia desde 1934, aqui no município de Luciara, reivindicamos urgentemente que seja demarcada a nossa área, porque hoje nós estamos sendo invadido por não retireiros, fazendeiros, está cheio de acampamento de não-retireiro e hoje o nosso gado está com dificuldade de beber água, estamos perdendo gado atolado em lugar impróprio, porque a beira do lago está tudo cheio de gente. Nós estamos dependendo muito da regularização da nossa área, isso para nós é muito importante, para continuarmos sendo retireiros na beira do Araguaia. Nós estamos resistindo para existir. **(Rubens Taverny Sales)**.



Retiro Araguaia, Luciara, 2018



Retiro Araguaia, Luciara, 2018





Casa de retiro, Luciara, 2018



PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida.
2. Luta e Resistência pelo Território
3. Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco
4. Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande
5. A resistência das comunidades tradicionais de Campos Lindos em seus territórios: Serra do Centro e Mirante
6. Comunidade Quilombola Buriti do Meio Núcleo
7. Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso Kalungueiros na Luta Pela Regularização do seu Território - Minas Gerais
8. Relatos das Lutas e Esperanças da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino
9. Território e luta do Povo Guarani: Aldeia Jaguarí, Cocalinho - MT /
10. Comunidade tradicional vazanteira da Ilha de Pau de Léguas, Manga - MG
11. Indígenas Kariri e quilombolas do Mocambo, Sumidouro e Tapuio Queimada Nova - PI
12. Comunidade Brejo das Meninas: luta e resistência pela posse de terra no cerrado piauiense - PI
13. Território do Rio Riozinho Comunidade Santa Fé, Município de Santa Filomena
14. **Retireiros e retireiras do Araguaia: lutas, territórios e identidade**



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PPGCSA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia

PNCSA

Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia

Nova Cartografia Social do Brasil
PROJETO BRASIL
CENTRAL

UEA

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



FORDFOUNDATION